

VARIANTES COCORRENTES DO LÉXICO DO QUEIJO NO MUNICÍPIO DE APUÍ – AM: UM ESTUDO DA SINONÍMIA SOCIOTERMINOLÓGICA

Rebeka da Silva AGUIAR¹

Universidade Federal do Acre – UFAC

rebekasag@hotmail.com

Lindinalva MESSIAS²

Universidade Federal do Acre – UFAC

lindinalvamessias@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo descrevem-se e analisam-se as variantes coocorrentes no discurso oral dos socioprofissionais que estão envolvidos na produção do queijo no município de Apuí – Amazonas. Nossa proposta é mostrar que o sentido e o significado de dois ou mais termos podem ser iguais ou semelhantes, bem como podem coocorrer numa mesma situação de fala, sem haver mudança no significado das palavras, o que evidencia a presença da sinonímia terminológica na linguagem oral dos produtores de leite. O artigo baseia-se nos fundamentos da Semântica e da Socioterminologia. Os dados apresentados são frutos da aplicação de um questionário piloto (entrevista semiestruturada) junto a quatro produtores de leite, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. Essa entrevista abrange oito campos semânticos, no entanto, consideram-se, na presente amostra, somente os dados do primeiro campo semântico, a produção do leite. Quanto aos fatores sociais, examina-se apenas a influência do gênero, reservando-se os demais - tempo de serviço e espaço geográfico (rural e urbano) – para etapas posteriores, quando toda a coleta dos dados houver sido efetuada. Conclui-se que a sinonímia também ocorre na linguagem de especialidade, expressando a diversidade linguística e demonstrando que a língua é um produto social e cultural.

Palavras-chave: Socioterminologia; Variantes coocorrentes; Sinonímia; Léxico do queijo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho compõe-se de um estudo da sinonímia na linguagem de especialidade. O interesse em produzir este artigo surgiu a partir dos dados coletados junto a socioprofissionais envolvidos com a produção do leite, um dos campos semânticos do glossário que está sendo produzido para ser apresentado como produto final na dissertação de mestrado, intitulada *Glossário socioterminológico dos termos do queijo no município de Apuí - Amazonas*. Nesse contexto, pode-se dizer que este artigo se justifica pela significativa presença da sinonímia na fala desses informantes. Destaca-se que a produção do queijo é uma atividade técnica que se reveste de grande importância social, cultural e econômica para esse município, localizado na região sul do Estado do Amazonas.

Sabe-se que a sinonímia constitui-se de uma problemática para a linguagem. Por essa razão, os autores atestam que não existe sinonímia perfeita, principalmente, pela impossibilidade de empregar dois pares considerados sinônimos num mesmo contexto. Dessa maneira, busca-se mostrar com os dados apresentados, neste trabalho, que os sinônimos não são intercambiáveis em todas as ocasiões. O objetivo, portanto, é revelar que não existem sinônimos absolutos numa língua, uma vez que o sentido das palavras se apresenta por meio

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal do Acre – UFAC. Bolsista do Programa de Apoio à formação de recursos humanos pós-graduados para o interior do Estado do Amazonas – RH - Interiorização – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM.

² Professora Doutora da Universidade Federal do Acre. Orientadora do projeto de pesquisa.

do espaço, da motivação, da subjetividade, da afetividade e da cognição. Esses aspectos determinam o uso de um ou outro signo no contexto linguístico. Em resumo, a proposta é mostrar que por mais que duas palavras isoladas ou sintagmas expressem o mesmo sentido, as situações em que eles serão empregados jamais serão as mesmas.

Para a realização deste trabalho faz-se uma criteriosa revisão bibliográfica nos principais semanticistas, por isso, o presente estudo está fundamentado em Ullmann (1964), Lyons (1979), Ilari e Geraldini (1992), Martins (2000), Perini (2003) e Barros (2004), entre outros autores. Além disso, realiza-se uma abordagem teórica na Socioterminologia, sobretudo no que se refere às variantes coocorrentes – sinônimos na linguagem de especialidade. A partir dessas leituras concluiu-se que a sinonímia acontece de acordo com o contexto do sujeito, desse modo, implica dizer que ela está sujeita às situações de fala.

Em seguida, constam informações relacionadas ao contexto da pesquisa, à apresentação e à discussão dos dados; nesta, a finalidade é expor através da fala dos produtores de leite que os sinônimos ocorrem num contexto específico da linguagem para determinados sujeitos, no entanto, em outros espaços aquelas mesmas palavras podem não ser sinônimas. Por fim, consta a conclusão do texto.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Pressupostos teóricos da sinonímia

De acordo com a literatura concernente à Semântica, a sinonímia é um dos assuntos mais polêmicos e discutidos entre os teóricos, especialmente devido aos inúmeros fatores que estão envolvidos no fenômeno – tais como emotividade e intensidade entre outros. Para diversos autores, a exemplo de Ullmann (1964) não existem sinônimos reais. Assim, a permuta de um sinônimo pode fazer o enunciado perder todo o sentido. Os sinônimos possuem diferenças, por isso, acredita-se que eles podem ganhar significados distintos na construção do discurso. Por essa razão, é impossível intercambiar duas palavras sinônimas num mesmo contexto linguístico sem modificar o efeito de sentido. Para nossa pesquisa, isso é fundamental, já que nossos dados demonstram que realmente não existe sinonímia perfeita. A profissão, as práticas sociais, a expressividade e o gênero são elementos que refletem no uso do léxico. Dessa forma, na tentativa de explicar as diferenças dos sinônimos Ullmann (1964, p. 294-295) apresenta esquema elaborado pelo Professor W. E. Collinson:

- 1) Um termo é mais geral que outro: *refuse* [recusar] – *reject* [rejeitar].
- 2) Um termo é mais intenso que outro: *repudiate* [repudiar] – *refuse*.
- 3) Um termo é mais emotivo que outro: *reject* – *decline* [declinar].
- 4) Um termo pode implicar aprovação ou censura moral enquanto que o outro é neutro: *thrifty* [parco, frugal] – *economical* [econômico].
- 5) Um termo é mais profissional que outro: *decease* [óbito] – *death* [morte].
- 6) Um termo é mais literário que outro: *passing* [passamento] – *death*.
- 7) Um termo é mais coloquial que outro: *turn down* [dizer que não] – *refuse*.
- 8) Um termo é mais local ou dialectal que outro: o escocês *flesher* – *butcher* [carneiro].
- 9) Um dos sinônimos pertence à linguagem infantil: *daddy* [papá] – *father* [pai].

Esse esquema mostra a razão dos sinônimos não serem perfeitos, pois, apesar desses vocábulos fazerem referência a um mesmo contexto, um pode ser mais geral que outro, por

exemplo, quando uma pessoa chega a óbito, pode-se dizer de várias formas, *morreu*, *bateu as botas*, *faleceu* e até mesmo *chegou a óbito*. Nota-se nessas expressões que um termo é mais profissional que outro, mais coloquial que outro, mais emotivo que outro e mais agressivo que outro termo, como por exemplo, *bater as botas*. Sabe-se que o sujeito dispõe de todas essas expressões, porém a escolha depende, exclusivamente, do contexto, assim, numa piada, quando se refere à morte, é comum empregar a expressão *bater as botas*, ao passo que, quando anuncia-se a morte de alguém em um jornal, utiliza-se com frequência a expressão *faleceu* ou *chegou a óbito*, consideradas mais próximas da língua padrão. Esse exemplo deixa claro que, realmente, não existe sinonímia perfeita, haja vista que, mesmo referindo-se a um único significado, os termos não podem ser intercambiáveis. A esse respeito, Martins (2000) é outro autor que corrobora com o esquema de Collinson, mostrando que o sentido das palavras é limitado e está sujeito ao contexto.

Nesse sentido, o contexto define o lexema mais lógico para a construção do discurso. Para Macaulay, a ideia de sinônimo se constrói a partir da substituição de uma unidade lexical por outra na estrutura da oração. Já Palmer (s.d.) questiona o método da substituição, afirmando haver, somente, coocorrência (o que não significa exatamente sinonímia, mas proximidade de significados). Esses questionamentos levaram os especialistas em Semântica a afirmarem que não há sinonímia perfeita, principalmente, porque a língua é um produto social do meio, sendo passível de alterações. Assim, palavras que numa determinada época eram sinônimos, em outra já não são. Sobre isso Ullmann (1964, p. 296) comenta:

O melhor método para a delimitação de sinónimos é o teste de substituição recomendado por Macaulay. Como deve recordar-se, trata-se de um dos processos fundamentais da linguística moderna, e, no caso dos sinónimos, revela ao mesmo tempo se são permutáveis e em que medida. Se a diferença é predominantemente objectiva, encontrar-se-á muitas vezes uma certa sobreposição no significado: os termos em questão podem ser permutados nalguns contextos, mas não noutros.

Assim, determina-se a permuta dos termos a partir do espaço social, geográfico e histórico, do qual o sujeito faz parte. Com isso, o léxico se ressignifica, adquirindo significados distintos, já que se trata de um processo natural ocorrido na língua. Os sinônimos são fundamentais na elaboração de textos, possibilitando ao escritor trocar uma palavra por outra, porém, é necessário o autor da redação saber identificar qual o mais adequado para a ocasião. Sabe-se também que os sinônimos são comuns nas línguas naturais, tanto que em alguns países, como a França, os lexicógrafos produzem dicionários específicos de linguística, de sinonímia, entre outros. Isso motivou uma série de estudos e levaram os estudiosos da Semântica a afirmarem que não há sinonímia perfeita, dessa forma raras são as palavras que podem ser intercambiáveis num contexto sem alterar o sentido semântico (ULLMANN, 1964).

Ullmann diz que Aristóteles, na sua retórica, considerava que a sinonímia era um recurso fundamental para o poeta, para que ele escrevesse seus textos sem ambiguidades: “Os sinónimos, em sua opinião, são <<úteis ao poeta>>, enquanto que <<as palavras de significado ambíguo são principalmente úteis para permitir ao sofista desorientar os seus ouvintes>>” (ULLMANN, 1964, p. 296). Nota-se que Aristóteles reconhecia a diferença da sinonímia e da ambiguidade. Para ele, a sinonímia tinha a finalidade de facilitar a escrita, enquanto que a ambiguidade era importante para os sofistas que buscavam persuadir e convencer as pessoas nas praças da Antiga Grécia por meio de um discurso político que buscava ludibriar seus seguidores. Por esse prisma, entende-se que a sinonímia é um dos recursos estilísticos mais importantes na elaboração de um texto, pois possibilita ao redator ou ao poeta que seu texto não possua ambiguidades e também evite a repetição de palavras. É

essencial para um bom escritor utilizar os sinônimos, isso demonstra o conhecimento vasto que ele possui da língua. Assim sendo, entende-se que a sinonímia está presente nos diversos contextos de comunicação do falante, principalmente no que se refere à linguagem escrita. Além disso, é importante o escritor evitar a ambiguidade nos textos, um dos problemas mais frequentes quando não se sabe fazer bom uso da sinonímia.

Enfim, para Ullmann (1964) duas palavras só podem ser consideradas sinônimos perfeitos à medida que se tornam passíveis de intercâmbio sem alterar o sentido do contexto. O autor não aceita “em definitivo” a ideia da inexistência de sinônimos perfeitos e exemplifica com a linguagem técnica (*espirantes* e *fricativas*, na Fonética; *cecitus* e *typhlites*, na Medicina), portanto é possível encontrar sinonímia perfeita na linguagem de especialidade.

Lyons (1979), que concorda com Ullmann esclarece ainda que a sinonímia perfeita raramente acontece na língua, por isso, é impossível a ocorrência de sinônimos equivalentes em todos os espaços de fala. Para Lyons (1979), o contexto é a principal motivação para que exista sinonímia. Assim, o sentido das palavras se estabelece a partir de perspectivas culturais, por exemplo, uma palavra em determinada região tem um significado, em outras, essa mesma palavra pode ter outra conotação; enfim, o espaço determina a construção da sinonímia.

Pode-se pensar, então, em afastar-se da ideia de que a sinonímia constitui-se de uma identidade de dois sentidos produzidos sem haver uma dependência entre eles. É, pois, justamente nisso que se encontra o problema de estudar os sinônimos, quando se acredita na possibilidade de utilizar dois pares sem sofrer nenhuma mudança semântica. Quando se entende que os sinônimos não são intercambiáveis em todas as ocasiões, resolve-se um grande problema, porque assim organiza-se o discurso, demonstrando que as palavras dependem do sentido (LYONS, 1979). Esse mesmo autor classifica a sinonímia em dois tipos: a) *total* – quando há possibilidade de substituição em todos os contextos; e b) *completa* – quando há equivalência entre os significados cognitivo e afetivo. Em termos de combinatória, poderíamos ter: a) completa e total; b) completa, mas não total; c) incompleta, mas total; d) incompleta e não total.

Observa-se que Ullmann (1964) mistura esses dois critérios e Lyons os separa. Para os semanticistas, as escolhas dos vocábulos que são sinônimos no discurso dependem exclusivamente do significado afetivo e cognitivo deles na comunidade linguística (LYONS, 1979). Nesse contexto, a distinção entre significado cognitivo e afetivo é contestada por Palmer (s.d.), como explica Duarte (2000), em razão de: a) não ser fácil definir “significado cognitivo”; b) algumas palavras em inglês são usadas apenas com objetivos valorativos; c) fazemos juízos não somente entre “bom” e “mau” (mas sobre tamanhos, por exemplo). A própria escolha das palavras constitui um tipo de “juízo”.

Assim, pode-se dizer que os signos linguísticos ganham significado no texto a partir de duas ou mais faculdades psicológicas (LYONS, 1979). Isso porque exige do locutor ao mesmo tempo, capacidade intelectual e afetividade, mostrando que o uso dos sinônimos não acontecem aleatoriamente, mas, sobretudo, por uma competência discursiva e linguística que rege e organiza a linguagem do falante. Esse pensamento de Lyons (1979) sugere que a subjetividade ordena um texto, seja ele falado ou escrito, principalmente porque é comum o falante utilizar mais de um sinônimo numa mesma interlocução. Os sinônimos que compõem o léxico geral perpassam e indicam com mais facilidade os efeitos conativos e afetivos que os termos carregam, diferentemente da linguagem de especialidade (LYONS, 1979). Dessa forma, percebe-se que a subjetividade, a afetividade e a imaginação do sujeito, bem como sua competência cognitiva estão associadas à escolha do léxico. Por essa razão, a palavra se significa e se ressignifica por meio do discurso do locutor e do interlocutor.

Para Cegalla (1987, p. 261) os sinônimos são: “palavras de sentido igual ou aproximado”. Considerando a afirmação desse autor, Perini (2003) declara que essa assertiva pode ser aplicada tanto às palavras isoladas quanto aos sintagmas. Desse modo, tomam-se os

exemplos: “a. As formigas comeram o bolo. b. O bolo, as formigas comeram” (PERINI, 2003, p. 248). Nessas frases, não há sinonímia perfeita, uma vez que não se equivalem por não terem a mesma significação, embora tenham sentido aproximado. Apesar dessas frases não serem intercambiáveis, pode-se dizer, de acordo com Perini (2003), que esses sintagmas *implicam-se mutuamente*, termo emprestado da lógica. Isso significa dizer que palavras como, por exemplo, *hábito* e *costume*, embora se impliquem mutuamente, não podem ser empregadas em todas as situações de fala já que os sentidos das palavras se constroem no texto (PERINI, 2003).

Nessa perspectiva, Ilari e Geraldi (1992) também comentam a respeito da sinonímia, tomando o posicionamento de Ullmann (1964) e Lyons (1979). Segundo esses autores são muitos os teóricos que há séculos questionam o conceito de sinonímia, no entanto, chegaram a uma conclusão relativamente simples, “segundo a qual sinonímia é identidade de significação” (ILARI; GERALDI, 1992, p. 43). Assim sendo, pode-se dizer que os sinônimos são as diversas possibilidades que o falante de uma língua natural possui para se comunicar, principalmente, para escrever. Na busca de conceituar a sinonímia, Ilari e Geraldi (1992, p. 43-44) ordenam três premissas:

- a) Para que duas palavras sejam sinônimas, não basta que tenham a mesma extensão.
- b) Para que duas palavras sejam sinônimas é preciso que façam, em todos os seus empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase.
- c) Duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa.

A primeira premissa leva ao entendimento de que não há necessidade de as palavras possuírem a mesma estrutura morfológica para que sejam sinônimas. A segunda premissa faz perceber que a sinonímia se constrói a partir da substituição de uma palavra por outra sem nenhum prejuízo semântico. Além disso, tais palavras são intercambiáveis e contribuem para que o sentido da frase permaneça o mesmo, havendo a troca de uma expressão sinônima por outra. Na terceira premissa, observa-se que duas palavras somente são sinônimas quando são permutáveis com outra sem nenhuma perda semântica, isto é, não invalida a estrutura e o conteúdo lógico e discursivo da frase, mesmo porque raramente há sinonímia perfeita, principalmente, no léxico geral. É mais comum encontrá-la no léxico de especialidade, uma vez que o vocabulário do conhecimento especializado é mais neutro e mais objetivo (ULLMANN, 1964).

Os sinônimos instrumentalizam a fala ou a escrita do sujeito (ILARI; GERALDI, 1992). Assim sendo, o falante tem a oportunidade de escolher a forma mais adequada para desenvolver seu discurso. Selecionar uma palavra que seja equivalente a outra demonstra a busca pelo signo exato, e, ao trocar uma palavra por outra que seja mais adequada, mostra-se que as duas formas não são apropriadas para o objetivo pretendido. Isso ocorre com frequência na correção de textos escritos, principalmente, por outros, porque a escolha de sinônimos também é uma questão de estilo. Assim, um profissional, quando revisa um texto, utiliza as palavras mais adequadas para atender ao suporte no qual o texto será veiculado, como nos mostram Ilari e Geraldi, (1992, p. 47):

Às vezes, a “busca da palavra certa” tem objetivos de precisão; por exemplo, porque duas palavras que seriam intercambiáveis em contextos informais assumem sentidos específicos em contextos técnicos. Assim, roubo aplica-se a crimes considerados mais graves pelo legislador do que *furto*; e, no vocabulário jurídico, *separação*, *desquite* e *divórcio* não são a mesma coisa.

A escolha dos sinônimos também explica o contexto de fala no qual o sujeito está inserido, por exemplo, um médico, quando está diante de um paciente mais escolarizado, possivelmente fará uso de um léxico mais formal, ou seja, mais próximo da linguagem técnica, enquanto que, diante de uma pessoa menos escolarizada, se expressará com palavras mais simples, próximas do uso menos formal. Isso demonstra que a sinonímia é um recurso estilístico que identifica a condição do locutor e do interlocutor.

Segundo Cançado (2012), para que exista sinonímia não basta somente que duas expressões ou frases tenham a mesma referência, antes de tudo é preciso que haja o mesmo sentido nas duas expressões ou nas duas frases. Ainda conforme a autora, para que duas sentenças sejam sinônimas, ambas devem ser verdadeiras ou falsas e os sinônimos devem ser intercambiáveis. Dessa forma, entende-se que a sinonímia no contexto da comunicação deve ter o mesmo sentido e expressar a mesma propriedade no mundo. Nessa perspectiva, os sinônimos ganham sentido no interior da estrutura linguística, isto é, é no uso da linguagem do sujeito que a sinonímia se estabelece. Concernente à sinonímia, Cançado (2012, p. 48) diz:

[...] que não é possível pensar em sinonímia de palavras fora do contexto em que estas são empregadas. Ainda, na maioria dos casos, pode-se dizer apenas que existe uma sinonímia baseada somente no significado conceitual da palavra, sem se levar em conta o estilo, as associações sociais ou dialetais, ou mesmo os registros. As palavras bandido e meliante, por exemplo, podem ser intercambiáveis em determinados contextos, porém, provavelmente, a segunda ocorrência será mais usada por um policial e a primeira tem um uso corrente. Segundo Cruse (1986), é impossível se falar em sinônimos perfeitos; só faz sentido se falar em sinonímia gradual, ou seja, as palavras, mesmo consideradas sinônimas, sempre sofrem um tipo de especialização de sentido ou de uso.

De acordo com essa autora (2012), é necessário conceber a sinonímia no interior de um contexto de fala, retomando, dessa forma, a ideia de Lyons (1964, p. 480) quando este afirma: “Podemos ainda fazer uma observação final sobre a sinonímia: mais do que qualquer outra relação de sentido é a sinonímia *dependente do contexto*, e de uma maneira interessante do ponto de vista teórico”. Isso significa dizer que o significado e o sentido do sinônimo apenas se constituem a partir da situação linguística. Ainda conforme Cançado (2012), é impossível também pensar numa sinonímia que considera somente o conceito literal da palavra, sem analisar o contexto em que ela possa ser empregada. Sabe-se que a escolha por uma ou outra palavra que tenha o mesmo sentido dependerá, sobretudo, do estilo, da condição ou da posição do locutor e do interlocutor, ou seja, do sentido que a palavra pode gerar em determinados veículos de comunicação e do uso de sinônimos que são adequados para determinados ambientes.

Nessa perspectiva, percebe-se que os aspectos sociais determinam a escolha dos sinônimos que poderão ser utilizados, nos veículos de comunicação, por exemplo, um profissional que palestra para um público mais escolarizado sabe que é pertinente privilegiar um léxico mais rebuscado; ele, portanto, utilizará palavras mais complexas, no entanto, se for o contrário, poderá fazer a mesma palestra, mas utilizará um léxico mais popular. Com isso, entende-se que o locutor necessita ter conhecimento da língua, bem como ter sensibilidade para saber quais palavras utilizar no discurso, para que possa ser compreendido por todos os públicos. Como lembram Ilari e Geraldí (1982), um médico para referir-se ao termo câncer, dispõe de dois sinônimos, ferida brava e carcinoma. Isso demonstra que o falante tem a sua disposição mais de uma possibilidade para referir-se a um único conceito, no entanto, dependerá da condição do sujeito e também do suporte lexicográfico ou terminográfico.

Nesse caso, essas três palavras são sinônimos, mas não perfeitos, já que eles não podem ser utilizados numa mesma ocasião.

A sinonímia é discutida por outros autores, dentre os quais Barros (2004, p. 220), que diz: “[...] há sinonímia quando um mesmo conceito é designado por significantes diferentes”. Para essa autora, também, não há sinonímia perfeita, uma vez que os lexemas não são intercambiáveis em todos os contextos. Dessa maneira, as unidades lexicais não possuem as mesmas conotações no contexto de fala, principalmente porque as palavras se constituem cognitivamente e afetivamente de acordo com os enunciados construídos pelos próprios sujeitos. Nesse contexto, o vocabulário, que é rico em sinonímia, embora não seja perfeita, não se constrói apenas no plano morfológico, sintático, mas, sobretudo, no plano semântico.

Segundo Barros (2004), como raramente é possível manter a identidade cognitiva e afetiva dos lexemas nas permutas dos enunciados, é preferível pensar no sentido de parassinonímia, termo cunhado por Robert Galisson que explica:

Os parassinônimos são termos que podem ser considerados como tendo o mesmo sentido, mas cuja distribuição não é exatamente equivalente. O conceito de parassinonímia se distingue, assim, da de sinonímia, que recobre os termos tendo o mesmo sentido e a mesma distribuição, isto é, são comutáveis em todos os contextos e em todas as situações. Como não existem sinônimos perfeitos, é preferível falar de parassinônimos ou de sinônimos em discurso (GALISSON, 1979, p. 187 *apud* BARROS, 2004, pp. 221-222).

Diante do posicionamento do autor, conclui-se que os parassinônimos são lexemas ou termos que circulam na comunidade linguística, no entanto, o emprego de um ou de outro dependerá da condição do sujeito e da situação de fala. Ainda segundo Barros (2004), a parassinonímia de Galisson, na Terminologia, é correspondente à quase sinonímia. Na perspectiva de Galisson, existem dois termos, um técnico e um vulgar; estes por sua vez, possuem um mesmo conceito, entretanto não são utilizados num mesmo contexto, nem são distribuídos num mesmo enunciado, já que não são permutáveis em todas as ocasiões, como o exemplo que Barros expõe *Leishmaniose visceral* e *Febre Dundum*, o primeiro técnico e o segundo vulgar. Então, pode-se dizer que os parassinônimos ou quase sinônimos podem designar um mesmo conceito, mas em algumas situações não podem ser permutáveis, por conta do nível de língua e dos suportes terminográficos.

1.1.1 As variantes coocorrentes numa perspectiva da sinonímia socioterminológica

Ao contrário da Terminologia clássica, a variação é objeto de estudo da Socioterminologia. Entende-se por variação as diversas formas que se equivalem semanticamente no ato comunicativo (MOLLICA, 2004). Nessa perspectiva, essa abordagem social da Terminologia toma os mesmos pressupostos da Sociolinguística, porquanto define, que assim como na linguagem geral há variação, também há na linguagem de especialidade, considerando que os termos são passíveis de mudança no próprio contexto social dos falantes (FAULSTICH, 1995).

A Socioterminologia distanciou-se do rigor tradicional proposto por Wüster na Terminologia clássica, uma vez que, para esse teórico, para cada termo havia um único conceito e vice-versa. Assim sendo, essa disciplina começou a enfatizar a relação dos aspectos sociais, culturais e históricos, passando a descrever e a analisar os termos, considerando o espaço real da fala do sujeito (FAULSTICH, 2006). Dessa forma, de acordo com Faulstich (1995, p. 2-3) a Socioterminologia se organiza em dois princípios, a saber:

- 1) os princípios da sociolingüística, tais como os critérios de variação lingüística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança;
- 2) os princípios de etnografia: as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

Do exposto verifica-se que a variação está presente no conhecimento especializado, diferenciando-se dos estudos clássicos terminológicos que não a consideravam nos produtos terminográficos. As interações dos profissionais e dos usuários favorecem a disseminação dos termos e dos conceitos, motivando a criação de variantes, principalmente no espaço dos usuários (FAULSTICH, 1995). São os usuários no cotidiano que recriam e ressignificam os termos, já que os especialistas privilegiam as unidades terminológicas científicas, em detrimento do uso popular. Assim sendo, a Socioterminologia é uma abordagem social da Terminologia como esclarece Faulstich (2006, p. 29):

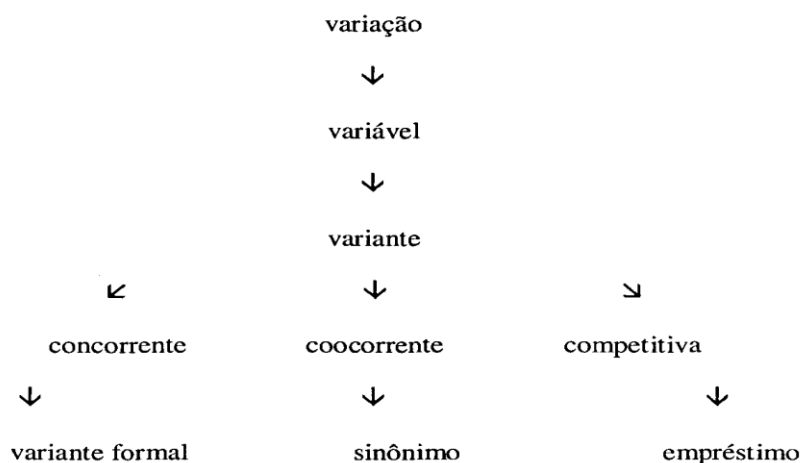
A socioterminologia é, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade.

Essa disciplina descreve e analisa os termos sob um ponto de vista social, isto é, considera as relações dos sujeitos envolvidos com as atividades profissionais. Em virtude disso, a Socioterminologia privilegia os textos orais, pressupondo que na fala se encontram com mais frequência as variações da língua. Por essa razão, ela se desenvolveu de forma significativa, tornando-se uma disciplina de destaque em vários grupos de pesquisa do Brasil (KRIEGER; BEVILACQUA, 2005). Acredita-se que a Socioterminologia contribuiu para que a linguagem de especialidade integrasse obras terminográficas, sobretudo aquelas linguagens que expressam de fato a arte do cotidiano de atividades práticas, como por exemplo, os glossários que apresentam um acervo lingüístico das matérias-primas da Amazônia, como a madeira, o alumínio e a farinha. Essa nova visão distancia-se da Terminologia clássica que privilegiava as linguagens dos espaços profissionais e técnicos das fábricas tradicionais (FAULSTICH, 2006).

Essa mudança se reflete nos glossários, já que a cultura e as práticas sociais do falante estão impregnadas no léxico (ISQUERDO, 2001). Assim sendo, pode-se dizer que a Socioterminologia e a sociedade são indissociáveis por retratar uma comunicação especializada que está próxima da realidade dos sujeitos. Conforme Faulstich (1995), nas palavras de Gaudin, é necessário pensar nos termos, observando como se dá sua recepção pelos usuários no cotidiano, sua aceitação, sua circulação, e, por fim, as causas e razões de sua existência nas práticas sociais do cotidiano. Esse teórico (*apud* FAULSTICH, 1995, p. 2) avalia e acredita na existência da variação e da sinonímia na linguagem de especialidade, diferentemente de Wüster que eliminava qualquer resquício de sentido nos suportes terminográficos como os glossários e dicionários.

Faulstich (2001) esquematiza uma estrutura básica de variação que comporta três categorias superiores que são: concorrentes, coocorrentes e competitivas as quais são divididas em subcategorias: variante formal, sinônimos e empréstimo como se observa na figura 1, porém, neste trabalho será focalizada apenas a variante coocorrente – a sinonímia na linguagem de especialidade.

Figura 1: **Constructo teórico da variação em terminologia**

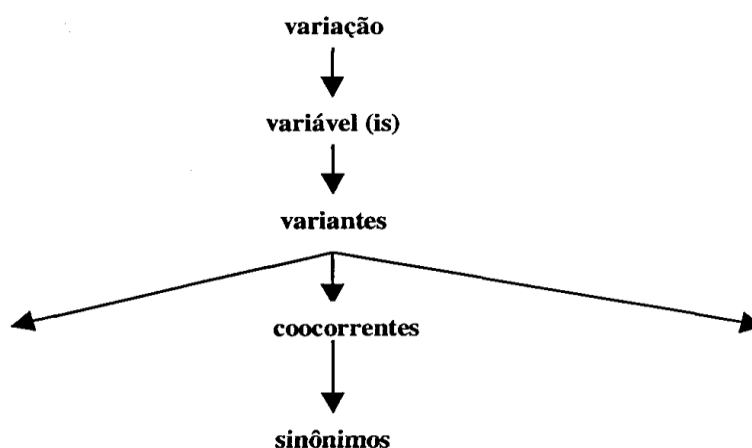


Fonte: Faulstich (2001, p. 16)

Segundo Faulstich (2001), as variantes coocorrentes referem-se àquelas que se dispõem de dois ou mais conceitos para um mesmo objeto. Essas variantes têm a finalidade de disponibilizar recursos coesivos lexicais que servem para organizar e progredir o discurso. Observa-se também que há um entrelaçamento semântico entre essas variantes, já que elas são equivalentes na estrutura linguística, seja por meio de expressões ou até mesmo de frases. De acordo com Faulstich (2001), a sinonímia terminológica ocorre quando se tem dois ou mais termos que se relacionam entre si, podendo ser intercambiáveis numa mesma situação de fala. Além disso, dois ou mais termos podem ter significados iguais ou semelhantes, sem prejudicar o conteúdo do texto.

Construto da variação dos sinônimos na linguagem de especialidade

Figura 3: **Constructo teórico da variação em terminologia**
(modelo reduzido: as variantes concorrentes)



Fonte: Faulstich (2001, p. 22).

Faulstich (2001) relata um estudo realizado por Oliveira (2001), que constatou a existência de sinonímia na linguagem de especialidade, contrariando os argumentos de muitos teóricos, mesmo sendo de maneira bem particular. Os termos que se diferenciam por questões geográficas, históricas, discursivas não se caracterizam como sinonímia, mas sim como

variantes concorrentes (FAULSTICH, 2001). Isso significa dizer que é comum numa localidade habitada por pessoas de diversas regiões do Brasil haver variantes que concorrem entre si, por exemplo, a palavra mandioca, macaxeira e aipim caracterizam-se como variantes lexicais (FAULSTICH, 2001).

Na região norte, principalmente, no Amazonas e no Pará, existe uma diferença nítida dos lexemas mandioca e macaxeira, pois, enquanto a primeira é utilizada para a alimentação, a segunda, também chamada de mandioca brava, é utilizada, exclusivamente, para fazer a farinha, tanto que não se pode comê-la cozida nas refeições diárias. Nas palavras mandioca e mandioca brava tem-se um exemplo de sinonímia, uma vez que ambas são equivalentes e podem intercambiar-se nas estruturas frasais sem sofrer prejuízo no plano do conteúdo. Dessa forma, fica evidente o que Faulstich (2001, p. 32) explica: “[...] a pseudo-equivalência não promove a sinonímia, uma vez que toda sinonímia é variação, mas nem toda variação gera sinônimos”.

Na próxima seção, primeiramente, apresenta-se o espaço geográfico, o *corpus* e os informantes da pesquisa, em seguida, o percurso metodológico que orientou a organização deste trabalho e, por fim, os dados da pesquisa.

2 OS DADOS

2.1 Espaço geográfico, *corpus* e informantes da pesquisa

Os dados que constam neste trabalho foram coletados na zona rural do município de Apuí – AM, localizado na região sul do estado. Fica distante 435 km de Manaus em linha reta, capital do Estado do Amazonas. Possui uma população de 18.007 mil habitantes, sendo que 41% encontram-se na zona rural. A pecuária leiteira é uma das principais atividades que movimentam a economia dessa localidade, refletindo nas manifestações culturais como a Festa do Leite, que está na sua quinta edição, a exposição de matrizes leiteiras nos rodeios da região e a produção de diversos derivados do leite, principalmente o queijo. O município é considerado o quarto produtor de leite do Estado do Amazonas, ficando atrás somente de Parintins, Careiro da Várzea e Autazes (IBGE, 2011).

Por volta de 1987, chegou o gado leiteiro no município de Apuí (TOSTES, 2013). Nessa época, iniciou-se a produção do queijo artesanal nos sítios pelos pequenos pecuaristas; esses queijos eram vendidos na feira, que está localizada na zona urbana desse município. Porém, em 2001, os produtores do leite fundaram a Associação dos produtores de leite de Apuí – ASPROLEIP; com ela o queijo começou a ser industrializado e vendido em grandes quantidades para os municípios vizinhos e para a capital do estado, Manaus. O leite além de ser utilizado para produzir o queijo é também vendido nos supermercados da localidade.

O *corpus* constitui-se de entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas junto a 12 profissionais envolvidos com a produção do queijo. Os dados foram gravados num aparelho MP3, depois foram transcritos, utilizando-se a transcrição grafemática, por ser a mais apropriada para esse tipo de trabalho. Depois dos termos identificados, foram organizados numa ficha terminológica como propõe Barros (2004). Destaca-se que foi a partir dessa ficha que os dados foram organizados e catalogados para que pudesse constar neste estudo.

2.2 As variantes coocorrentes relacionadas à produção do queijo no município de Apuí - AM

Conforme já foi exposto, o objetivo deste trabalho é mostrar que, de fato, existe sinonímia na linguagem de especialidade, mas não absoluta. Dessa forma, nesta subseção, os dados coletados nas fazendas que estão envolvidas com a pecuária leiteira serão apresentados.

Tais dados foram organizados em um quadro com a seguinte distribuição: nome do termo mais recorrente pelos falantes; definição da unidade terminológica de acordo com o contexto de fala dos informantes; indicação das fontes – Informante artesanal masculino – IAM; Informante produtor masculino IPM –; Informante produtor feminino – IPF –; sinônimos do nome mais utilizado pelos informantes. Neste artigo, escolheu-se a definição por compreensão por ser a mais apropriada para a proposta deste artigo (ALVES, 1996).

A seguir, apresenta-se um dos quadros elaborados.

Quadro 1 - Lugar utilizado para colocar o gado leiteiro

Nome mais recorrente: curral
Definição: Local utilizado para cuidar do gado.
Contexto: 1. E: <i>Como vocês chama o lugar onde vocês prendem o gado pra vacinar? I: Nós como é la do sul nós chama estrebária. Aqui chama galpão, outros chama curral.</i> 2. E: <i>Como o senhor chama o lugar que coloca o gado para vacinar? I: Cada um chama um, manga, curral, brete, eu chamo brete tenho o curral e o brete, (...).</i> 3. E: <i>Como você chama o lugar onde você prende o gado pra vacinar? I: Curral, mangueira.</i> 4. E: <i>Como se chama o lugar onde vocês prendem o gado coloca o gado para vacinar? I: Curral, mangueira, curral né, E: Tem esses dois nomes não é? I: É.</i>
Fontes: 1. IAM2; 2. IAM2; 3. IPM2; 4. IPF1
Sinônimos: Mangueira, estrebária, galpão, manga e brete.

Observou-se que a unidade terminológica curral foi a mais recorrente na fala dos informantes envolvidos com a produção do leite. Esse nome designa o lugar onde se coloca o gado para realizar os cuidados. No município de Apuí, o referido termo possui cinco sinônimos que se equivalem semanticamente.

O primeiro informante utiliza três termos para referir-se a um único conceito – estrebária, galpão e curral –; apesar de ele lembrar que emprega estrebária, termo típico da sua região de origem, menciona que naquele mesmo espaço linguístico existem outras palavras, a saber, galpão e curral.

O informante 2 denomina brete o lugar onde é colocado o gado para realizar todos os cuidados, mas também cita manga e curral. O termo manga caracteriza-se como um neologismo semântico, assim também como mangueira exposto pelo informante 3 e 4.

Por meio da fala do informante 2, constata-se que a unidade terminológica brete não é um sinônimo perfeito, uma vez que ela designa mais de um conceito, isso porque, para alguns produtores do leite, o brete é onde se põe o gado para realizar os cuidados, enquanto que para outros é apenas um corredor para o gado ficar no momento de ordenhar e vacinar. Pode-se dizer que esses termos se equivalem semanticamente em determinados contextos, por isso não são sinônimos perfeitos, justamente por não serem intercambiáveis. Assim sendo, observa-se que esses dados demonstram que a sinonímia absoluta realmente não existe, em decorrência de o sujeito utilizar mais de uma palavra para referir-se a uma única denominação, no entanto, essas mesmas palavras não podem ser empregadas em todos os contextos com o mesmo sentido. Isso nos leva a dizer que não existe sinonímia real nesse espaço de fala. Fora desse contexto essas palavras não são sinônimas, uma vez que contém outros significados.

No quadro 2, fornecemos outro exemplo:

Quadro 2 -Ato de ordenhar as matrizes leiteiras

Nome mais recorrente: tirar leite
Definição: Ato manual de sugar o leite realizado pelo produtor do leite.
Contexto: 1. [...] porque as nossas vacas ainda é acostumada a tirar leite com o bezerro no

pé. 2. No nosso caso é simples é eu e meu irmão que tira mesmo, tira na mão, [...] 3. [...] tem que cuidar as tetas das vacas porque não pode deixar a vaca passar da hora da lactação, é sem lactar elas sem tirar o leite e então esses cuidados é indispensável [...].

Fontes: 1. IAM1; 2. IPM1

Sinônimos: Lactação, lactar

Para referir-se ao ato de ordenhar as matrizes leiteiras, o sintagma terminológico verbal tirar leite é a expressão mais recorrente. Percebe-se que o informante 1 utiliza tirar leite, uma expressão mais popular, ou seja, mais vulgarizada, ao passo que o informante 2 faz uso de lactar e lactação, termos mais próximos do conhecimento especializado. Assim sendo, entende-se que essas palavras apesar de serem sinônimas, não são empregadas em todos os contextos, pela razão de que uma é coloquial e a outra é técnica. Então, pode-se dizer que esses dados coincidem com a literatura que trata dessa temática. Em outros dados, não apresentados neste trabalho, encontramos a expressão ordenhar, utilizada com mais frequência pelos profissionais que estão envolvidos com a produção do leite.

Esses resultados também demonstram a ausência de sinonímia perfeita, sobretudo porque os três termos, tirar leite, lactar e lactação, não são empregados numa mesma situação de fala. Nesse contexto, pode-se lembrar de Ullmann (1964), Lyons (1979) e dos demais semanticistas, porquanto eles afirmam que o sentido das palavras se constrói no contexto e a escolha de uma ou outra forma dependem do grau de afetividade e cognição do sujeito.

No terceiro quadro estão os dados referentes à denominação das matrizes leiteiras.

Quadro 3 - Denominação das matrizes leiteiras

Nome mais recorrente: vaca leiteira
Definição: Vacas que produzem o leite para o laticínio. São da raça girolando que é um cruzamento da raça <i>gir</i> originária da Índia com o <i>holandês</i> oriunda da Holanda. Esse cruzamento se deu para a adaptação de um gado leiteiro que fosse adequado para o forte calor do Brasil. Essa raça é uma das que produz mais leite.
Contexto: 1. Olha são leiteiras, no caso são vacas leiteiras. 2. As leiteiras nós falamos e são separadas do outro gado. 3. Leiteira né, as que tão dando leite né, elas fica até separada né, porque tão produzindo leite né, as vacas que tão paridas né daí que tão produzindo leite chama leiteira daí. 4. Nós temos duas épocas que nós tem problemas aqui principalmente com esse gado é com as matrizes leiteiras. [...] Esses são cuidados os cuidados principal que a gente deve ter com as matrizes, principalmente na parte das tetas das vacas [...].
Fontes: 1. IPM1; 2. IPAF1; 3. IPF1 4. IAM1.
Sinônimos: Leiteira, matrizes leiteiras, matrizes, vacas

Como se observa no quadro 3, a sinonímia também está presente de forma significativa, com quatro palavras que se referem a um mesmo conceito.

O informante 1 faz uso de dois nomes para denominar as vacas que produzem o leite para comercialização, primeiro faz uso do adjetivo leiteiras com sentido de substantivo, assim como o informante 2 e 3. Leiteiras é uma palavra dicionarizada que expressa mais de um significado e é aplicada em contextos diferentes, por exemplo, refere-se à pessoa do sexo feminino que vende leite e ao utensílio utilizado para ferver o leite. No dicionário, leiteiras quando refere-se à vaca que dá leite, está como substantivo, no entanto, conforme já se anunciou para os informantes que compõem essa amostra o modificador passa a ser nome, ocorrendo neste caso uma derivação imprópria, isto é, quando uma palavra pertence a uma classe de palavra e passa para outra classe gramatical em determinados contextos. O primeiro informante também emprega o sintagma terminológico feminino vaca leiteira, ou seja, o uso

do substantivo juntamente com o adjetivo, formando uma unidade terminológica complexa, com um único significado. O quarto informante aplica o termo matrizes leiteiras, também considerada uma unidade terminológica complexa que está mais próxima da linguagem de especialidade falada pelos profissionais envolvidos com a pecuária leiteira. Percebe-se não só nos dados apresentados neste artigo, mas em outros da pesquisa geral do mestrado a presença de termos que estão mais próximas daquelas empregadas pelos veterinários e técnicos que orientam os produtores de leite. Entende-se que com isso que o discurso técnico-científico tende a fazer parte do arcabouço linguístico dessa comunidade linguística à medida que tiverem contato com os especialistas. Dessa forma, esses dados coincidem com outros já apresentados por diversos pesquisadores e também com a literatura, por mostrar que de fato não existe sinonímia perfeita.

No quadro 4, verificam-se os termos denominadores do alimento do gado.

Quadro 4 - Denominação do alimento do gado

Nome mais recorrente: capim
Definição: Alimento do gado. São grammas verdes, algumas vezes altas outras vezes rasteiras depende da espécie. Há duas que predominam em Apuí: o brizantão e a quicuia.
Contexto: 1. <i>O pasto é o capim é onde o gado vai pastar, pastoreio seria né [...]; [...] o pasto aqui está superinfectado do cabeçudo, o cabeçudo virou uma praga no meu pasto, na minha pastagem.</i> 2. <i>Nóis chamamo aqui pasto outros chama mangueirão, mas aqui eu uso pasto, outros falam piquete também.</i>
Fontes: 1. IAM1; 2. IPF2
Sinônimos: Pastagem, pastoreio, capim, mangueirão, piquete.

O capim é o principal alimento do gado leiteiro no município de Apuí. Destaca-se isso em virtude de que nas grandes bacias leiteiras a alimentação do gado complementa-se com ração.

No quadro 4, observa-se que o informante 1 emprega três sinônimos para referir-se ao alimento do gado. Pasto, a primeira palavra possui um sentido mais geral, não podendo ser intercambiável, por exemplo, com pastoreio, que, segundo o dicionário Aulete, é a derivação de pastorear. Utiliza-se também o nome pastagem, que, conforme o referido dicionário, é sinônimo de pasto, mas também não é um sinônimo perfeito, uma vez que pode significar o alimento do gado, bem como a terra onde os animais pastam.

O informante 2 aplica o termo pasto, embora afirme existir outros nomes para denominar o alimento do gado leiteiro, como mangueirão e piquete. Mangueirão é uma palavra empregada em outros contextos com outras significações, como se observa na tabela 1, assim como mangueira, expressando o sentido de lugar para cuidar do gado. O termo piquete, apesar de ser equivalente à pastagem e ao mangueirão, não é intercambiável com pasto e capim. Pode-se dizer então que não sinônimos perfeitos, porque, além de expressar o sentido de alimento, também demonstram o sentido do local onde é plantado o capim que serve para os animais se alimentarem.

Diante desse contexto, pode-se dizer que, de fato, não existe sinonímia perfeita, porque nos casos relatados esses sinônimos não são permutáveis em todos os contextos.

CONCLUSÃO

Os dados apresentados neste estudo demonstram a presença de sinonímia na linguagem de especialidade, todavia no contexto de fala no qual foi realizada a pesquisa, pode-se dizer de forma categórica que não há, neles, sinônimos perfeitos, uma vez que a

maioria dos termos não é permutável em todos os contextos. Com efeito, percebeu-se que os termos empregados pelos produtores do leite possuem conceitos e denominações distintas, caracterizando a ausência da sinonímia absoluta.

Assim sendo, este trabalho apresentou um estudo preliminar da sinonímia do léxico do queijo, mostrando 4 verbetes e suas respectivas variantes sinonímicas. Os verbetes aqui expostos demonstram a presença contínua de variantes na linguagem de especialidade. No entanto, esses dados diferenciam-se de outros já apresentados por diferentes pesquisadores que afirmam categoricamente a possibilidade de haver a univocidade no conhecimento especializado. Observou-se a presença de neologismo semântico, isto é, a presença de palavras que já existem no vocabulário, mas ganharam outro significado e conceito diferentes dos originais, como por exemplo, manga, mangueira e mangueirão.

Notou-se ainda a construção de unidades terminológicas complexas, como por exemplo, o sintagma terminológico verbal *tirar leite* e o sintagma terminológico feminino *vaca leiteira*. Em resumo, pode-se dizer que este texto mostrou que o léxico é um produto social que acumula e perpassa o conhecimento de determinado grupo cultural. Verificou-se também a partir desse estudo preliminar que as palavras não se constroem apenas com elementos linguísticos, mas, sobretudo no contexto real da comunicação, pois a organização de um verbo+substantivo, é capaz de gerar uma unidade terminológica complexa com uma única denominação. Espera-se que esse trabalho contribua para os estudos que descrevem e analisam a diversidade linguística da linguagem de especialidade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- Dicionário Aulete Online. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/> Acesso em: 15 nov. 2013.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. **Introdução à semântica**. Fortaleza: EDUFC, 2000.
- FAULSTICH, Enilde. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n.2, [p.27 - 31], abr. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>. Acesso em: 25 maio 2013.
- _____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, v. 7, 2001, p. 11-40. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v07n1/v07n1a03.pdf> Acesso em: 17 jun. 2013.
- _____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, V. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/486/441>. Acesso em: 26 fev. 2013.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- KRIEGER, M. G.; BEVILACQUA, C. R. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. *Debate Terminológico*, v.1, mar/2005. Disponível

em:< <http://pt.scribd.com/doc/79030511/KRIEGER-Maria-da-GraA%C2%A7a-A-pesquisa-terminolA%C2%B3gica-no-Brasil-uma-contribuiA%C2%A7A%C2%A3o-para-a-consolidaA%C2%A7A%C2%A3o-da-A%C2%A1rea>> Acesso em: 17 jun. 2013.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel: revisão e supervisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Nacional, 1979.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: Mollica, Maria Cecília; Braga, Maria Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PALMER, Frank Robert. **Semântica**. Lisboa: Edições 70, s.d.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

TOSTES, Hélio Teixeira. **Aspectos históricos, demográficos e geográficos do município de Apuí**. Apuí, Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, 22 jul. 2013. Entrevista concedida a Rebeka da Silva Aguiar.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. J.A. Osório Mateus. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.